

Irene Mendonça Peixoto¹

Existência Numérica *Numerical Existence*

A exposição Existência Numérica, concebida por Barbara Castro e Luiz Ludwig com curadoria de Doris Kosminsky, apresentou no Oi Futuro uma seleção de obras de oito artistas brasileiros e estrangeiros criadas a partir da visualização de dados. As imagens expostas, além de provocarem discussões sobre temas relevantes da sociedade contemporânea atravessada pela expansão tecnológica, nos surpreendem com a insuspeitada carga poética que fluxos de dados quantitativos, aparentemente áridos, podem conter.

Para navegar nesse vasto oceano de informações codificadas em algoritmos e números será preciso aprender a lidar com uma subjetividade descorporificada, sobre qual a vigilância e o controle das redes não nos oferecem mais o benefício da distração. Diferentemente de nosso concreto mundo real, no ambiente digital, as marcas de nossa passagem não se cobrem de areia e nem se ocultam em meio a tantas outras ao longo do tempo. Ao contrário, somos rastreados em tempo real. Nossos desejos, afinidades e aversões são revelados e armazenados por quantitativos numéricos obtidos à revelia enquanto interagimos virtualmente uns com os outros.

Os artistas da mostra, ao darem visualidade à essa invasão, nos forçam a pensar nela e ao agregarem a essa visualidade uma poética, nos fazem transcendê-la rumo a outras dimensões da existência humana.

A exposição se inicia com quatro obras do cientista da computação Pedro Miguel Cruz, de origem portuguesa, que afirma seu hibridismo com a arte e o design, concebendo analogias criativas a partir de dados digitais. Logo na entrada somos impactados com a obra Vasos sanguíneos de Lisboa (2013) que nos apresenta a imagem de um coração pulsante. A obra tem sua origem nos dados de tráfego de veículos de Lisboa, a partir dos quais o artista vislumbrou, na geografia da cidade, a forma de um coração. Essa analogia poética resultou um mapa agitado e vivo da cidade que aborda as questões da mobilidade urbana como um sistema cardiovascular, onde o fluxo sanguíneo do trânsito se contrai e se expande, congestionando as vias como se fossem artérias, enfatizando o tempo dos deslocamentos e não as distâncias percorridas.

Na parede ao lado temos a obra Dendrocronologia da Imigração (2018) que estabelece um interessante jogo de semelhanças com os anéis de crescimento visíveis nos cortes das árvores, capazes de revelar as intempéries ambientais às quais foram submetidas. O

¹ Formada em Design pela Escola de Belas Artes - UFRJ, pós-graduada pela École Supérieure des Arts Modernes - Paris, mestre pela Escola de Comunicação - UFRJ e doutora em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais EBA-UFRJ. E-mail: peixotoirene@gmail.com.
Existência Numérica: Oi Futuro, Rio de Janeiro – 18 de setembro a 18 de novembro de 2018.

artista tira partido da mesma dinâmica formal dos anéis para indicar o ciclos migratórios que se alargam e se estreitam conforme os períodos históricos de prosperidade e paz das regiões mapeadas. A obra é composta por dois instigantes painéis de grande formato com uma vistosa paleta de cores que permite a visualização comparativa das diferentes origens dos imigrantes, ordenando em cada imagem os dados de imigração para os Estados Unidos a partir de 1830 e da migração interna para o Estado do Rio de Janeiro desde a década de 1960.

A seguir temos a terceira obra de Pedro Miguel, *O Declínio dos Impérios* (2010), que por meio de uma animação computacional gerada a partir de dados propõe um atraente balé visual de círculos coloridos que mostram a expansão e o declínio dos quatro maiores impérios marítimos (Inglaterra, França, Espanha e Portugal). Os diâmetros dos círculos de diversas cores que representam cada Império variam ao sabor da história, crescendo a cada conquista colonial ou encolhendo e fragmentando-se em círculos menores em decorrência dos processos de independência. Um dos aspectos marcantes da obra é perceber que a abstração do mapa geográfico não compromete a informação, ao contrário, o caráter poético da visualização potencializa a sua compreensão.

A quarta obra desse artista, *Uma Sociedade Ego-altruísta* (2018), provoca uma reflexão sobre a dicotomia clássica do nosso comportamento social, que nos divide entre egoístas e altruístas, inspirado no livro *"A Nascente"*, de Ayn Rand (1905-1982). O sistema generativo exibido no vídeo apresenta de forma bem marcada a atividades desses dois extremos. Os grupos, diferenciados pelas cores vermelha e amarela, aglutinam-se ou rejeitam-se mutuamente, podendo também multiplicar-se ou extinguir-se conforme as suas inclinações de comportamento. A fluidez das formas sinuosas exibidas na animação contrastam com a dura apologia individualista assumida pela romancista. Na visualização, linhas de texto do livro, questionando o altruísmo, passam velozes representando a energia dispersa em todo o ambiente da obra.

Dando prosseguimento à visita encontramos a obra dos designers alemães Till Nagel e Christopher Pietch, *Fluxos da Cidade* (2015-2018), que transforma dados do sistema de compartilhamento de bicicletas nas cidades do Rio de Janeiro, Londres e Nova York em uma chamativa e coerente visualização interativa exibidas em três telas de 60 polegadas. Esse projeto foi desenvolvido com o apoio do primeiro Laboratório de Complexidade Urbana da Universidade de FH Potsdam, criado para ser um centro de pesquisas que atua entre o Departamento de Design e o Instituto de Estudo Aplicados para Futuros Urbanos, parcialmente apoiado pela cooperação HERE.

A obra seguinte, *Disritmia*, da artista-pesquisadora e designer Bárbara Castro, é uma instalação interativa que nos faz refletir sobre as forças vitais e a conectividade. A obra conjuga três tipos de dados em cores diferentes: azuis para dados meteorológicos da cidade do Rio de Janeiro, vermelhos para os batimentos cardíacos da artista coletados em tempo real ao longo do período da exposição e amarelos para a participação do visitante que ao pressionar um botão gera um fluxo de números

indicadores de sua presença e interação com a obra. A conectividade desses grupos de números tão heterogêneos faz com que eles se harmonizem em uma visualização de forte apelo estético. Os movimentos das formas luminosas variam segundo o ritmo das conexões e velocidades de seus respectivos dados, colorindo por dentro e por fora um grande círculo branco que, preso à parede, se oferece à contemplação.

Antes de passarmos para a segunda galeria nos deparamos com a imagem de uma cascata de nomes da obra Rede de Nós, dos pesquisadores Doris Kosminsky e Claudio Esperança. A projeção interativa visualiza dados do IBGE de prenomes de brasileiros, nascidos a partir da década de 30. Quanto maior a recorrência do nome, maior o seu tamanho, maior o volume do fluxo contínuo projetado. Os visitantes quando interagem com a obra em busca do próprio nome são fotografados e sua imagem é integrada à visualização. A sensação curiosa de ver o próprio nome se multiplicando em vários tamanhos provoca um deslocamento de nossa identidade, antes percebida como única, para um pertencimento coletivo um tanto ambíguo, que suscita dúvidas em relação à nossa existência em rede. A obra articula discussões contemporâneas sobre os perfis falsos e a convivência com robôs que tanto polemizam o lugar do indivíduo no ambiente digital.

Adentrando a segunda galeria, Luiz Ludwig apresenta a obra Discurso do Artista (2018), que questiona a formação dos múltiplos discursos artísticos construídos incessantemente por aqueles que produzem e consomem a arte. A instalação, composta por um computador e uma impressora matricial, é alimentada em tempo real por informações extraídas de forma sistemática e automatizada em sites de galerias e prêmios. A impressão matricial, ruidosa e constante, é uma advertência à verborragia, muitas vezes hermética e inacessível, que dificulta a comunicação da arte com o seu público.

Finalizando a exposição encontramos o ambiente escuro da obra O apagar das Luzes (2018), de Alice Bodansky. O trabalho é uma escultura paramétrica luminosa que visualiza os dados de orçamento de investimentos em Ciência e Tecnologia (C&T) dos últimos 18 anos a partir de informações disponíveis no site oficial do Ministério da Ciência. A forma escultórica sugere uma pilha de moedas cujos diâmetros se alargam ou se apequenam conforme o valor do investimento no setor. A projeção de luz no ambiente expositivo também aumenta ou diminui, colocando às claras as datas de maior e menor valorização da ciência e pesquisa científica no Brasil. Cabe ao público ponderar sobre as razões e consequências de períodos pouco luminosos para o futuro do país.

A exposição Existência Numérica evidencia não apenas a importância de transformar dados, esse vasto campo invisível que nos circunda, em informação visível, mais do que isso, a arte da visualização de dados, ao assumir a ousadia de dar forma a esse território abstrato de fronteiras difusas e mutantes, tangencia valores estéticos fundamentais no discurso da arte moderna e contemporânea, tais como aqueles implicados na noção do sublime.

A experiência do sublime na arte é tudo aquilo sobre o qual não podemos falar de forma unívoca e direta. Suas imagens se referem ao infinito, configurando

o colapso da representação. O sublime nos exige a representação da totalidade, do absoluto, algo que está fora do alcance de nossos sentidos. A partir desse pensamento, Manovich (2004) dirá que a arte da visualização de dados se interessa pelo anti-sublime. Se os românticos sentiram-se impotentes para representar o infinito e os modernos só conseguiram representá-lo por meio de sua ausência, coube aos artistas da visualização de dados a conquista de exibir diversas representações visuais do ilimitado, tanto no macro quanto no micro. Ao mesmo tempo, o autor adverte que outro desafio se coloca frente a tantas possibilidades de tornar visível o invisível: como fugir da arbitrariedade, como os artistas poderão motivar as suas escolhas por esta ou aquela representação visual?

As obras apresentadas nessa exposição respondem a esse desafio, dando primazia à narrativa poética dos números para além da informação acessível. Ao investigar as tessituras do real com o imaginário por meio de dados, mais do que gerar visibilidades, as obras transformam quantitativos numéricos em histórias capazes de serem vividas. A arte da visualização de dados, ao poetizar o que os números dizem, nos convida a habitar o infinito.

REFERÊNCIAS

MANOVICH, L. "A visualização de dados como uma nova abstração anti-sublime". Arte e Ensaios 11. Ed. PPGAV – EBA/UFRJ, 2004.